

Politeia



- ♦ PLATÃO faz uma classificação das formas de governo constante da *Politeia*, onde se estabelece uma escala que vai da *polis* melhor à *tirania*. Primeiro está a cidade do céu, o governo dos homens mais sábios e mais parecidos com os deuses e que até não está dependente da opinião popular.
- ♦ Segue-se a *timarquia* ou *timocracia*, o governo dos nobres que procuram a honra e a fama, onde o início da degenerescência acontece quando os nobres se dividem num conflito entre a virtude e o dinheiro.
- ♦ No terceiro degrau desta escala descendente, está a *oligarquia*, o governo das famílias ricas, onde há uma potencial guerra civil com os pobres.
- ♦ No penúltimo degrau, anterior à tirania, está a *democracia*, o regime da liberdade entendida como ausência de leis, onde se dá a vitória dos povos.
- ♦ Em qualquer dos casos, a degenerescência é marcada tanto pela circunstância da destruição da forma de governo provir dos próprios governantes, onde os interesses económicos são a principal causa da desunião.
- ♦ É dentro da *polis* melhor, da *kallipolis*, que Platão faz a célebre tripartição em três classes. Na classe superior, detentora das funções deliberativas, estão os guardiões perfeitos, detentores da sabedoria (*sophia*) ou razão, equivalente ao ouro.
- ♦ Na classe intermédia, onde domina a virtude da coragem (*andreia*). o elemento emocional, estão os guardiões auxiliares, equivalendo à prata.
- ♦ Na classe inferior, onde domina a temperança (*sophrosyne*), o elemento do desejo e da concupiscência, estão os agricultores e os artesãos, a parte negociante que têm a função de obedecer, equivalendo ao ferro e ao bronze.
- ♦ Quando directamente procura responder às **formas de governo** ou aos tipos de regime, Platão enumera cinco constituições, correspondentes a cinco almas, porque *é forçoso que haja tantas espécies de caracteres de homens como de formas de governo*.
- ♦ Em primeiro lugar a *Kallipolis* (é o governo dos homens mais sábios e mais parecidos com os deuses; é o mundo sem tempo das formas e das Ideias, a *cidade do céu*, onde se faz uma descrição idealizada a partir das antigas

constituições de Creta e de Esparta; uma *polis* que não tem necessidade de leis, nem está dependente da opinião popular).

♦Em segundo lugar a *Timarquia* (é o governo dos nobres que buscam a honra e a fama; os nobres já estão divididos ao contrário do que acontecia no estado anterior; a desunião é produzida pela ambição; o conflito é entre a virtude e o dinheiro)

♦Em terceiro lugar, a *oligarquia* (é o governo das famílias ricas, sempre em risco de guerra civil com os pobres; *a cidade enferma em luta consigo mesmo; é uma forma de governo, onde o censo decide sobre a condição de cada cidadão; onde os ricos, por consequência, exercem o poder sem que os pobres nele participem*);

♦Em quarto lugar, a *democracia* (é o regime da liberdade ou da ausência de leis; *nasce a democracia... quando os pobres vencem, matando uns ... banindo outros, e compartilhando com os restantes dos direitos de cidadania e dos cargos públicos em termos de igualdade*).

♦Finalmente, em quinto lugar, a *tirania* (é o governo da violência e da coerção.

♦A cada uma destas formas corresponderia, aliás, um certo tipo de homem. Porque todas elas ocorrem dentro de cada um de nós, a partir da tensão entre *a parte da alma que é dotada de razão* e a outra *a parte animal e selvagem*. Porque *existe em cada um de nós uma espécie de desejos terrível, selvagem e sem leis, mesmo nos poucos de entre nós que parecem comedidos*.

♦Logo, há que fazer coincidir cada regime com o tipo de homem, porque *o homem tirânico é feito à semelhança da polis tirânica, o democrático da democracia e os restantes do mesmo modo*. Só pode, portanto, avaliar-se um regime como se avalia um homem, isto é, em pensamento. *E só deve avaliá-los quem, em pensamento, for capaz de penetrar no carácter de um homem e ver claro nele*.

♦Haveria assim três espécies de homens, *o filósofo, o ambicioso, o interesseiro*, movidos, respectivamente, pelo *saber*, pelo *prazer das honrarias* e pelo *lucro*. E dessa fricção é que surgiria a dinâmica dos regimes.

♦Segundo vários autores, nota-se nesta classificação um certo fascínio pelo regime de Esparta, especialmente na crítica à democracia ateniense, a mesma que condenara Sócrates à morte.

♦Julgamos que, mais do que a crítica à democracia, o que Platão faz é uma crítica à classe política que a dominava, marcada pelo facciosismo. Uma classe política onde primava a ignorância e a incompetência e que vivia da adulação das massas. Porque *os cavalos e burros andam pelas ruas, acostumados a uma liberdade completa e altiva, embatendo sempre contra quem vier em sentido contrário, a menos que saiam do caminho*. Sobretudo, a falta de respeito pelas

leis acabam por não se importar nada com as leis escritas ou não escritas, como sabes, a fim de que de modo algum tenham quem seja senhor deles.

♦ *O perigo deste modelo está na circunstância de, na democracia, nascer a tirania. Porque é do cúmulo da liberdade é que surge a mais completa e mais selvagem das escravaturas, porque o excesso costuma ser correspondido por uma mudança radical, no sentido oposto, quer nas estações, quer nas plantas, quer nos corpos, e não menos nas cidades.*

♦ *Assim, na degenerescência democrática, cada um deixa de cumprir a sua função: louvam e honram em particular e em público os governantes que parecem governados, e os governados que parecem governantes.*

♦ *Do mesmo modo, surge o professor que teme os discípulos e o velho que quer parecer novo: o professor teme e lisonjeia os discípulos, e estes têm os mestres em pouca conta; outro tanto se passa com os preceptores. No conjunto, os jovens imitam os mais velhos, e competem com eles em palavras e em acções; ao passo que os anciãos condescendem com os novos, enchem-se de vivacidade e espírito, a imitar os jovens, a fim de não parecerem aborrecidos e autoritários.*

♦ *O antídoto proposto por Platão é o esforço filosófico, estético e poético. E lá temos o aristocrata a antepor-se à ignorância e à incompetência dos políticos. Para evitar o aparecimento do protector que se transforma em tirano. Para evitar que o povo, ao tentar escapar ao fumo da escravatura de homens livres, não caia no fogo do domínio dos escravos da escravatura de escravos que é a tirania.*